



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA é UFPB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CAMPUS IV é LITORAL NORTE
ANTROPOLOGIA

CARLA PRISCILA GERÔNICO

**AS LOUCEIRAS DE SANTA LUZIA é PB: UM ESTUDO IMAGÉTICO DO ãMODO
DE FAZERö A LOUÇA ENTRE AS MULHERES NEGRAS DA SERRA DO
TALHADO.**

Rio Tinto é PB
2014

CARLA PRISCILA GERÔNICO

**AS LOUCEIRAS DE SANTA LUZIA Ó PB: UM ESTUDO IMAGÉTICO DO ãMODO
DE FAZERö A LOUÇA ENTRE AS MULHERES NEGRAS DA SERRA DO
TALHADO.**

Monografia apresentada à Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção de grau de graduação no curso de Antropologia com habilitação em Antropologia Visual.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Lara Santos de Amorim

Rio Tinto ó PB
2014

G354l Gerônimo, Carla Priscila.

As louceiras de Santa Luzia - PB: um estudo imagético do “modo de fazer” a louça entre as mulheres negras da Serra do Talhado. / Carla Priscila Gerônimo. – Rio Tinto: [s.n.], 2015.

64f. : il.

Orientador(a): Prof. Msc. Lara Santos de Amorim.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCAE.

AS LOUCEIRAS DE SANTA LUZIA- PB: UM ESTUDO IMAGÉTICO DO ãMODO DE FAZERã A LOUÇA ENTRE AS MULHERES NEGRAS DA SERRA DO TALHADO.

Monografia apresentada ao Curso de Graduaçãõ em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba - Campus IV, como requisito à obtençãõ do grau de Bacharel em Antropologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lara Santos de Amorim

Rio Tinto, 17 de setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Lara Santos de Amorim ó Orientadora

Prof. Dr. João Martinho de Mendonça ó Examinador

Dedico este trabalho à minha mãe, ao meu pai (em memória) e aos meus irmãos que fazem parte de mim e que sempre acreditaram na minha capacidade, me estimulando a chegar aonde cheguei. Às louceiras que, amigavelmente, colaboraram para minha pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, gostaria de agradecer a DEUS que me capacitou a concluir este trabalho e me deu muita força para não desistir e conseguir terminar o curso. Sem Ele eu não sou nada.

Aos meus familiares, que amo muito, agradeço pela imensa força que sempre me deram. Meus pais Maria Marluce Roque Gerôncio e José Gerôncio Neto (em memória) e meus irmãos, Carlos Alberto Gerôncio, Marcos Rogério Gerôncio e Márcio José Gerôncio, vocês foram as minhas maiores inspirações depois de Deus.

Aos meus amigos, os quais prefiro não nominar, pois não quero esquecer de ninguém. Vocês sempre foram solidários e sinceros, me dando total apoio nos momentos difíceis, me apoiando em cada etapa deste processo de formação.

A Iranilza Cinesio e Paulo de Jesus pelo total apoio que me deram. Não há palavras para agradecer tudo que fizeram e fazem por mim. Muito obrigada!

Às louceiras Maria do Céu (em memória), Leó, Sulia, Aparecida, Antônia Carneiro dos Santos (Dona Neusa) e Dona Maria Rita, pelo tempo e paciência que me dedicaram. A seu Damião, Janaína dos Santos, Gileide, Gilvaneide e seu Erick, Dona Jovelina e Seu Sebastião Bráz e a todos que fazem parte da Comunidade do Talhado.

Aos meus colegas de classe que estiveram sempre juntos comigo: Mércia Lima, Luciana Araújo, Paulo de Jesus, Viviane Martins e Danilo Alex.

À orientadora Lara Santos de Amorim pelo apoio.

Aos professores Siloé Amorim, João Martinho de Mendonça, Estevão Palitot, Fábio Mura e Marco Aurélio Paz Tella que me incentivaram e me passaram grandes aprendizados, que levarei para minha vida profissional. Obrigada a vocês por transferirem tanto conhecimento e sabedoria, dando a mim como a muitos outros alunos, a oportunidade de poder conhecê-los e adquirir conhecimentos extraordinários.

õQuem não compreende um olhar tampouco compreenderá uma longa explicação.ö

(Mário Quintana)

RESUMO

Este trabalho é baseado em pesquisa de campo iniciada em 2011 e concluída em 2014. O objetivo da pesquisa é refletir a partir de imagens- fotografias e um documentário - como mulheres artesãs quilombolas fabricam suas louças. A pesquisa foi realizada no Quilombo do Talhado, Comunidade Quilombola representada no filme *Aruanda* de Linduarte Noronha, cineasta pioneiro em retratar o sertão da Paraíba de maneira realista, na década de 1960. *Aruanda* foi um filme considerado um dos expoentes do cinema novo. A pesquisa se propõe a entender como se dá o processo de produção das louças a partir da perspectiva das próprias louceiras utilizando o método da antropologia visual. Pretende-se revelar como elas retratam sua própria identidade e representações étnicas na Comunidade, construindo uma representação imagética baseada na reflexividade enquanto método de pesquisa etnográfica. Atualmente os moradores da Serra do Talhado se dividem entre o Quilombo Rural e Urbano. As louceiras continuam a produzir as louças da mesma maneira que faziam seus antepassados, transmitindo o modo de fazer louça de geração para geração.

Palavras Chave: Comunidade Quilombola, Antropologia Visual, Patrimônio Imaterial.

ABSTRACT

This work is based on field research begun in 2011 and completed in 2014. The main objective of the research is to reflect from pictures- photographs and a documentary- as women artisans manufacture their wares. The survey was conducted in the Quilombo Talhado, Quilombo Community represented in the film *Aruanda* of Linduarte Noronha, pioneering filmmaker to portray the interior of Paraíba realistically in the 1960s. *Aruanda* was a movie considered one of the exponents of the new cinema. The research proposes to understanding how the process of production of wares from the perspective of their own potters using the method of visual anthropology. It is intended to reveal how they depict their own identity and ethnic representations in the Community, building an image representation based on reflexivity as a method of ethnographic research. Currently the residents of Serra do Talhado are divided between Rural and Urban Quilombo. The potters still produce the dishes in the same way their ancestors did, conveying how to make dishes from generation to generation.

Keywords: Quilombo Community, Visual Anthropology, Intangible Heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	16
Figura 2	17
Figura 3	23
Figura 4	29
Figura 5	29
Figura 6	30
Figura 7	30
Figura 8	31
Figura 9	31
Figura 10	32
Figura 11	32
Figura 12	33
Figura 13	33
Figura 14	34
Figura 15	34
Figura 16	41
Figura 17	50
Figura 18	50
Figura 19	51
Figura 20	51
Figura 21	52
Figura 22	53
Figura 23	54
Figura 24 ..	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CECNEQ - Comissão Estadual das Comunidades Negras e Quilombolas da Paraíba

CPT - Comissão Pastoral da Terra

DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

FCP - Fundação Cultural Palmares

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ONU - Organização das Nações Unidas

PNPI - Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, à Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 ó O MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA E O QUILOMBO DO TALHADO	17
1.1- Relações de parentesco e a demarcação da terra quilombola	23
1.2- Realização do filme <i>Aruanda</i> em 1960.....	26
CAPÍTULO 2- O MODO DE FAZER A LOUÇA DAS LOUCEIRAS DE SANTA LUZIA	29
2.1- O processo de fazer da louça e a metodologia de pesquisa: antropologia, imagem e reflexividade	29
2.1.1- Patrimônio imaterial e o ãmodo de fazerö a louça.....	36
2.1.2 ó A memória e a identidade das louceiras	39
CAPÍTULO 3 ó MEMÓRIA, ORALIDADE E TRADIÇÃO: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE O ãMODO DE FAZERö A LOUÇA.....	43
3.1- Memorial do filme.....	43
3.2 - Gravação do filme	45
3.3- Roteiro de edição do filme	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS	56

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma etnografia visual do processo de produção da louça feito por mulheres que vivem na Comunidade do Talhado, em Santa Luzia-PB. Muitas delas são domésticas ou trabalham em órgãos públicos municipais.

Pretende-se demonstrar como se dá o processo de valorização da cultura, a partir da elaboração das louças colocando em destaque como as próprias louceiras retratam sua comunidade, sua identidade étnica e suas representações na Comunidade Quilombola do Talhado.

A pesquisa pretende entender como se dá o processo de fabricação das louças a partir da perspectiva das próprias louceiras, como estas retratam a sua identidade étnica e suas representações sociais na Comunidade Quilombola do Talhado a partir da fotografia e do vídeo.

A escolha da pesquisa foi motivada pelo filme *Aruanda*, de Linduarte Noronha, que é considerado precursor ao contar a história da formação de um quilombo no Talhado, em Santa Luzia-PB, em meados do século XIX. Depois de ver o filme, me chamou a atenção o fato de que mesmo morando na cidade, eu ainda não tinha conhecimento do trabalho das louceiras do Talhado.

Depois de assistir ao filme, fui em busca de mais informações sobre as louceiras do Talhado, procurando entender como aquelas personagens do filme vivem atualmente.

Na minha primeira ida a campo no galpão *Cerâmica Artesanal de Santa Luzia*, cometi o equívoco de levar a câmera de fotografar, pois não sabia que as louceiras tinham receio das câmeras. Notei que Leonice Maria dos Santos, conhecida como Leó não gostou muito desta atitude, então pediu que eu procurasse a louceira Maria do Céu Ferreira da Silva, conhecida apenas como Céu. Foi quando soube que Céu gostava de tirar fotos e dar entrevistas.

No dia seguinte, depois de conversar com moradores da cidade, soube que as louceiras se sentiram abusadas devido à produção não autorizada de imagens fotográficas envolvendo seus filhos.

Então surgiu a pergunta, como seria captar imagens audiovisuais e fotografias destas mulheres diante de tais circunstâncias?

Desde o início, essa questão da resistência delas em serem fotografadas foi discutida com a orientadora desta pesquisa, e, com base na literatura estudada sobre antropologia

visual, decidiu-se que a melhor forma de se aproximar das louceiras no campo seria perguntar como elas gostariam de ser representadas nas fotografias e nos filmes. Tendo isso em mente, de volta a campo no galpão foi feita a pergunta. Elas ficaram surpresas, pois tratava-se de uma maneira diferente de se aproximar delas, pelo menos diferente daquela que elas conheciam até então. Notei que, depois disso, elas se disponibilizaram a contribuir para a pesquisa com menos desconfiança.

Seguindo o método de uma antropologia compartilhada, a ideia era que pesquisador e pesquisados construíssem juntos a narrativa imagética sobre a cultura que seria retratada.

Mesmo morando distante de Santa Luzia, procurava ir a campo de 15 em 15 dias. Depois de me reunir com as louceiras sugerindo que elas mesmas tirassem algumas fotos do processo de fazer a louça, ficou decidido que a louceira Maria Auxiliadora da Silva, conhecida como Sulia, tiraria fotos de acordo com o que elas mesmas gostassem de mostrar sobre o processo. A câmera¹ digital usada foi uma Sony, que serviu para a captação de fotografias.

Como era Sulia quem tirava as fotos, elas permitiram ser fotografadas sem problemas e, ao final do processo de registro, elas reuniram um total de 17 pastas contendo 571 fotos.

As imagens fotográficas presentes na monografia foram capturadas por três pessoas, ao longo da pesquisa.

A maioria das fotografias ao longo da pesquisa são da autonomia da autora, identificando no decorrer do texto as quatro figuras 4, 5,8 e 15 que foram cedidas pela louceira Sulia em Março de 2013. Guilherme Monteiro Oliveira, estudante do 4º período de Antropologia também cedeu quatro fotografias, sendo elas, as figuras 1, 11,13 e 14 em Julho de 2014.

Para a produção do filme *Memória, Oralidade e Tradição: Um olhar antropológico sobre o modo de fazer a louça*, a pesquisa contou com a colaboração de dois alunos do curso de Antropologia, que são também pesquisadores do Laboratório de Antropologia Visual ó Arandu, José Muniz Falcão Neto, estudante do 6º período de Antropologia e Guilherme Monteiro Oliveira, ambos estudantes que optaram pela habilitação em Antropologia Visual. A captação de imagens resultou no total de 06h44min em material filmado, e foram coletados dados em oito entrevistas. Após o resultado das somas de horas que foram coletadas, fez-se

¹ Câmera digital Sony. 12.1 mega pixels, lente grande angular de 26 mm, 4x optical zoom.

uma decupagem das imagens audiovisuais, selecionando as imagens que seriam utilizadas para a edição do filme.

A pesquisa teve início em 2011, especificamente no 5º período, quando se opta pela habilitação em Antropologia Visual.

Os objetivos específicos da pesquisa se propõem a identificar a Comunidade do Talhado, tanto rural, quanto urbana; discutir sobre o conceito antropológico de patrimônio imaterial e de memória; pesquisar a repercussão do filme *Aruanda* na Comunidade do Talhado e demonstrar como se dá o processo de valorização da cultura a partir da elaboração da louça. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com Comunidade Quilombola.

A pesquisa foi baseada na observação participante, com anotações em diário de campo. Esse método serviu para que eu pudesse compreender o cotidiano das louceiras do Quilombo do Talhado.

A metodologia utilizada foi baseada nas disciplinas de Introdução à Antropologia Visual, Antropologia Visual I e II, Técnicas e Estéticas do AudioVisual I e II, que contribuíram para compreender o campo da Antropologia Visual. Os textos utilizados facilitaram o entendimento da abordagem da imagem em antropologia. Assim aprendi a fazer registros audiovisuais segundo a perspectiva da Antropologia Compartilhada, método do cineasta e etnógrafo francês Jean Rouch.

Os principais textos utilizados na pesquisa antropológica com imagens foram os de Barbosa², Santos³, Cavalcante⁴ e da autora Claudine de France. A mesma expõe, em seu texto⁵, os fundamentos, os princípios e as estratégias da antropologia fílmica. Na leitura do texto, a autora revela aspectos do comportamento humano a partir do desenvolvimento no nível do corpo, rito e matéria. As técnicas de enquadramento foi um dos métodos principais usado nesta pesquisa.

O conceito de patrimônio cultural imaterial foi fundamental para se compreender o modo de fazer a louça. Os conceitos de memória e tradição ajudaram na compreensão do processo de valorização da cultura e da identidade cultural e étnica das louceiras do Quilombo do Talhado.

² *Antropologia e Imagem* (BARBOSA, 2006).

³ *Negros do Talhado- Estudo sobre a identidade étnica de uma comunidade rural* (SANTOS, 1998).

⁴ *Talhado- Um estudo de organização social e política* (CAVALCANTE, 1975).

⁵ *Cinema e Antropologia* (FRANCE, 1998).

Os textos utilizados para o entendimento de Patrimônio Imaterial, Memória e Tradição, foram os textos de (AMORIM, 2006), (VELOSO, 2006), (FUNARI, 2006), (SANT'ANNA, 2003), (COSTA; CASTRO, 2008) e (MACEDO, 2006).

A recente discussão sobre o patrimônio na Antropologia aponta para os bens imateriais já patrimonializados e considerados de relevância nacional na construção da memória e da identidade cultural. Essa patrimonialização de bens imateriais não diz respeito somente ao registro e a preservação dos costumes, dos modos de fazer e saber de um grupo ou comunidade, mas significa uma intervenção em todo um conjunto de relações concretas e vividas por esses grupos e comunidades. Os saberes locais, costumes, modos de viver e fazer dos grupos se enraízam e se reconstróem nos espaços a que pertencem, nas relações afetivas, nas experiências vivenciadas e nas memórias dos grupos (COSTA; CASTRO, 2008, p. 127).

A monografia está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo contextualiza a cidade de Santa Luzia-PB localizada na mesorregião da Borborema e o Quilombo do Talhado, Comunidade Quilombola localizada na cidade de Santa Luzia. Faz uma análise mais ampla do Quilombo do Talhado, mostrando o lugar de origem das louceiras, como as mesmas se organizam nas relações de parentesco e como a comunidade conseguiu o autoreconhecimento de suas terras como terra quilombola. Procura-se também observar e descrever como o filme *Aruanda* produzido por Linduarte Noronha, em 1960, foi percebido pela comunidade.

O segundo capítulo trata do conceito antropológico que discute o modo de fazer a loução como patrimônio imaterial, abordando a memória e a tradição das louceiras do Talhado.

O terceiro capítulo apresenta os métodos teóricos e práticos que definem o estudo da Antropologia Visual, embasando a produção e realização do filme.

CAPÍTULO 1 – O MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA E O QUILOMBO DO TALHADO

Santa Luzia está localizada na mesorregião da Borborema, a 260 km da capital João Pessoa, no estado da Paraíba e possui 15.145 habitantes. O município foi criado pela Lei Provincial Nº 440, do dia 24 de Novembro do ano de 1871, ocorrendo à instalação em 27 de Junho de 1872. (IBGE, 2010).



Fig 1- Vista panorâmica da Capela São Sebastião no Bairro São Sebastião, conhecido como Monte. (Foto, Guilherme Monteiro Oliveira, 2014).

A cidade tem como um dos destaques do artesanato produzido na região as panelas de barro fabricadas pelas louceiras do Talhado. Entretanto, a comunidade local, de saber da existência desse artesanato, dá pouca importância ao trabalho das louceiras, que, por sua vez, desejam ser reconhecidas e valorizadas pelo ofício que exercem.

A comunidade do Talhado é uma comunidade Remanescente de Quilombo, localizada a 24 km do perímetro urbano da cidade de Santa Luzia-PB. Segundo Joselito e, de acordo com a memória do grupo, a mesma tinha por nome òOlho D Água Talhadoö (JOSELITO, 2011, p.4).



Fig. 2 ó Imagem do Rio Olho D'água localizado na Serra do Talhado. Este era o antigo nome da Comunidade. (Foto, Carla Priscila Gerôncio, 2014).

Trata-se de uma comunidade semi-isolada, que sofre com a escassez de água, com poucos recursos financeiros e uma população que vive à margem da pobreza, tendo como única renda a aposentadoria dos mais velhos e os benefícios de programas sociais como a Bolsa Família. (SANTOS, 2007, p.07).

Embora seja uma comunidade reconhecida como quilombola, nos últimos 20 anos, a região onde se localizava a maior parte da comunidade está praticamente deserta. Atualmente existem apenas sete famílias vivendo no antigo quilombo rural. A evasão das demais famílias, que desceram a serra e passaram a viver no quilombo urbano, se deu devido à seca e ao isolamento.

Atualmente, há duas comunidades quilombolas do Talhado: uma rural e uma urbana. A comunidade remanescente de quilombo urbano da Serra do Talhado se formou devido à migração, por volta do final da década de 1960, quando alguns moradores da área rural saíram para a área urbana da cidade de Santa Luzia-PB.

Antes mesmo de ser certificada, em Outubro do ano de 2003, ocorreu na cidade de Santa Luzia-PB uma conjuntura instaurada pelo Decreto nº 4.887 ó õO Pacto do Vale do Sabugyö promovendo um seminário sobre cultura brasileira. (ARAÚJO; BATISTA, 2013 p.11). O objetivo consistia em reconhecer a Comunidade do Talhado como comunidade quilombola.

õNo dia 16 de Abril de 2004, a Diretora de Proteção do Patrimônio Afro- Brasileiro da Fundação Cultural Palmares (FCP), Bernadete Lopes lavra e extrai a Certidão do Autoreconhecimento da Comunidade Quilombo da Serra do Talhado. (ARAÚJO; BATISTA, 2013, p.11).ö E no dia 20 de Junho de 2005, a Comunidade do Talhado foi certificada como comunidade quilombola pela (FCP).

Segundo os moradores do Talhado e as louceiras mais antigas (e que já não trabalham mais no galpão, devido à idade avançada), a história do Talhado se origina a partir do ano de 1890, quando o ex-escravo Zé Bento e sua esposa Cecília da Conceição vieram de uma fazenda do Estado do Piauí e fixaram morada em uma casa de taipa⁶.

Segundo os moradores, Zé Bento trabalhava na agricultura e sua esposa confeccionava utensílios de barro para o sustento da família. Foi no barro que Cecília encontrou a possibilidade de desenvolver o fabrico da cerâmica.

A Comunidade Remanescente Quilombola do Talhado tem características comuns em relação a outras comunidades quilombolas brasileiras, mas possui uma história própria. Originado em um lugar árido e seco, o Talhado possuía uma situação precária que não favorecia a agricultura, encontrando no barro a possibilidade de se produzir um artesanato que, a princípio, seria um utensílio doméstico. Com o tempo, a comunidade percebeu que era possível fabricá-lo para comercialização. (SANTOS, 2012, p.2).

Segundo o relato contado pelas louceiras Céu e Leó, o Talhado tem uma história marcada pela discriminação racial, desde seus primórdios até os dias atuais, sendo uma comunidade rica em cultura e em crenças tradicionais. Seus moradores são em sua maioria cristãos católicos. Antigamente a comunidade vivia da economia de subsistência e da agricultura (trabalhavam com algodão, feijão e milho), mas atualmente os homens costumam trabalhar como moto taxistas e na fábrica de cerâmica da região. Já as mulheres trabalham fazendo os potes de barro ou assumem cargos em órgãos públicos desde o ano de 2005. A responsabilidade do sustento da casa costuma cair sobre as mulheres, e nesse sentido, a fabricação da louça tornou-se a principal atividade econômica da comunidade, pois garante o sustento de muitas famílias.

⁶ Taipa é como se denomina na região as casas feitas de pau a pique e barro vermelho; ambos serviam para levantar a casa. O barro usado é o mesmo que as louceiras usam para o õfabricarö da louça.

Um ano antes mesmo do filme de Linduarte Noronha, *Aruanda*, ser produzido, ou seja, 1959, a louça já era transportada para a cidade em jumento. As mulheres saíam do Talhado às três horas da madrugada a pé, seguindo os jumentos que carregavam as louças. Chegavam por volta de oito horas da manhã à cidade de Santa Luzia para fazerem a comercialização da louça produzida no dia anterior.

Percebe-se que a Comunidade do Talhado teve e ainda tem uma forte importância no decorrer de sua história, pois as mulheres da comunidade passaram a sustentar suas famílias com a produção da cerâmica desde 1890, fazendo isso até hoje. Essa prática tem sido passada de geração para geração. A grande característica da comunidade é, sem dúvida, o artesanato das louceiras, sendo hoje exportado e comercializado para outros estados brasileiros, divulgando a cultura das louceiras do quilombo do Talhado.

Rita Maria, mais conhecida como Rita Preta, nos dá prova disso. Aprendeu a fabricar louça com sua mãe, que também aprendeu com seus ancestrais. Ela casou-se com Izaias Ricarte Ferreira, já falecido, e tiveram nove filhos, dos quais só dois estão vivos, sendo uma delas de nome Maria Rita, que também é louceira, mas que, nos dias atuais não fabrica mais a louça no galpão, mas sim na casa de sua mãe, pois Rita Preta já está com uma idade avançada e precisa de cuidados e olhares atentos. (SANTOS, 2007, p.5).

Antigamente a louça era fabricada no Talhado Rural e transportada para a cidade para ser vendida na feira. Hoje esse mesmo tipo de louça é fabricada por 9 (nove) mulheres, que, todos os dias, deixam suas casas pela manhã, para só retornarem até ela no final da tarde. A fabricação da louça ainda é feita de forma tradicional, isto é, do mesmo modo como aprenderam com suas mães e suas avós. A liderança era representada por dona Rita Preta e pela associação das louceiras, denominada Associação Comunitária das Louceiras Negras da Serra do Talhado, criada no dia 12 de Abril de 2005. Entretanto, ela não é mais a presidente, atual da associação. Sua neta Céu era a presidente, e uma das principais responsáveis pela continuidade do trabalho das louceiras, porém não pôde participar da pesquisa até a conclusão deste trabalho, pois veio a falecer devido a um ato de violência imposto por seu cônjuge. A comunidade quilombola rural tem como líder Seu Sebastião Bráz dos Santos. Por ele ser o mais velho, todas as questões da comunidade são direcionadas a ele.

Durante muito tempo, a casa de Rita Preta serviu de cooperativa para as louceiras até o ano de 1991; tanto durante sua morada no Talhado como durante sua morada na cidade. Quatro anos depois, no ano de 1995, elas ganharam o galpão para o fabricar de suas louças.

Assim como Rita Preta, sua filha, Maria Rita Ferreira da Silva, saía para vender a louça na feira de Santa Luzia-PB. Era preciso sair de madrugada do Talhado para não chegar tarde à cidade. (SANTOS, 2007, p.9). Com o dinheiro arrecadado compravam os alimentos para a família. Quando não conseguiam vender todas as louças, trocavam o resto das peças por batata, rapadura, farinha, entre outros. Rita Preta aprendeu a fazer a louça com sua mãe Sebastiana; ensinou muitas mulheres a arte da louça. Hoje já não fabrica mais louça por conta de sua idade, 82 anos. (SANTOS, 2007, p.10).

Dentre essas mulheres, a quem ensinou a arte do artesanato, além de sua filha Maria Rita há também suas netas, Céu, Gileide Ferreira da Silva e Gilvaneide Silva Santos. Céu era uma das louceiras que representava a comunidade, tendo sido também uma das informantes desta pesquisa. Gilvaneide estudou, formou-se em Letras e hoje já não fabrica mais louças, mas ensina na Comunidade Rural no Talhado. Gileide continua os ensinamentos da avó, mas devido ao fato de cuidar de um idoso, vai pouco ao galpão. As três, de fato, seguem um ritmo diferente uma da outra, mas todas tem como herança da família o dom de confeccionar a louça.

A leitura do texto, *Territórios Quilombolas da Serra do Talhado*, de Maria Janaina Silva dos Santos, sobrinha de Céu, nos ajuda a compreender que o fabricar da louça é uma arte passada de mãe para filha. Cecília, mulher de Zé Bento, era a precursora da fabricação de louças de barro. A mesma teve doze filhos, entre eles, Inácia Braziliiana teve Sebastiana, Rita Preta e Dasdores. Rita Preta, por sua vez deu a luz à Maria Rita que deu a luz à Gilvaneide, Maria do Céu e Gileide. Todas já foram ou são louceiras. O modo como o ensinamento é transmitido retrata em cada uma dessas mulheres a importância, a valorização e gosto pela confecção da louça.

O trajeto de Rita Preta permaneceu por 78 anos. Rita Preta juntamente com seu marido conseguiu comprar uma casa no espaço urbano na cidade de Santa Luzia-PB, o que possibilitou a continuação da produção da louça na cidade como faziam no Talhado.

Com o tempo, a população migrou do Talhado Rural para a zona urbana de Santa Luzia e vive atualmente no Bairro São José, em torno do galpão das louceiras, localizado na Rua Arlindo Bento. O município também abriga outro aglomerado de moradores do Talhado, no Bairro São Sebastião (Monte). As famílias que hoje residem na área urbana migraram com mais intensidade a partir dos anos de 1970 e 1980, fugindo da seca e das dificuldades existentes na Serra, onde seus ancestrais se estabeleceram em meados do século XIX. Com o

decorrer dos anos, o bairro foi sendo ocupado não só por famílias quilombolas, mas por outros moradores da redondeza. (FORTES, 2008, p.2).

Foi por volta de 2007, que a área da Comunidade do Talhado foi invadida por pessoas ãde foraõ, que construíram diversas casas no local e vieram para cidade. Há relatos de que muitos deixaram o lugar porque este não era mais como antigamente. Representantes da Comissão Estadual das Comunidades Negras e Quilombolas da Paraíba (CECNEQ), vendo a situação em que se encontravam os moradores do Talhado, pediram a abertura do processo administrativo para a regularização do território pleiteado pelo grupo, contando com a intervenção do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) junto ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) para resolver a questão. (FORTES, 2008, p.9).

Em reunião realizada no dia 23 de Outubro de 2007, na sede do DNOCS em João Pessoa óPB, com a participação do superintendente do INCRA- PB, do coordenador estadual do DNOCS na Paraíba, de representantes do Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas do Incra- PB, de representantes da comunidade, da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Sertão e da CECNEQ/PB, o DNOCS se comprometeu a transferir ao INCRA as terras pleiteadas, de modo que fossem tituladas em nome da Comunidade. O INCRA ficou responsável pelo levantamento antropológico e topográfico da área pleiteada. Após o acordo entre o INCRA e o DNOCS, os ocupantes não quilombolas desta área foram advertidos a pararem com as obras de construção, pois a mesma estava sendo reivindicada pela Comunidade Quilombola. (FORTES, 2008, p. 9).

A Comunidade Quilombola do Talhado é uma comunidade de pessoas que compõem sua própria história. São pessoas de pulso firme e que têm sempre o orgulho de sua origem, usando com frequência a expressão ãé do Talhadoõ.

1.1- Relações de parentesco e a demarcação da terra quilombola

Os quilombolas sofriam e até hoje sofrem muito preconceito por causa da cor da pele. Havia várias formas de discriminação. Trabalhos como os de Josefa Salete Barbosa Cavalcante, *o Talhado: Um estudo de organização social e político* mostram que os mesmos ficaram conhecidos como o povo do Talhado (CAVALCANTE, 1975, p. 21).

Apesar do preconceito existente em relação à comunidade, o Talhado é cercado de tradições fortes até os dias atuais, como a música e a cerâmica. Existem vários tocadores de zabumba e acordeon que tocam o forró pé de serra e fazem história nos são jões da cidade de Santa Luzia-PB (FORTES, 2008, p. 8).

Apesar dos preconceitos e sofrimentos, o Talhado é considerado por muitas pessoas um patrimônio na cidade de Santa Luzia, devido à importância e trajetória de vida da história que origina o Talhado. Entre os moradores do Talhado, existem traços característicos quando os mesmos são comparados a outros negros da cidade. A pele mais clara de muitos moradores, com os cabelos lisos e olhos azuis de outros são entendidos como comprovações de que o Talhado é antes uma comunidade mestiça. (FORTES, 2008, p. 10).

Quando são interrogadas se há parentesco entre elas, as mesmas respondem, através de conversas informais (Maio de 2013):

Céu: Sim, temos primas e cunhadas parentes.

Leó: Sim, a maioria é tudo parente.

Sulia: Sim. Leó mesma é minha cunhada.

Percebemos então que a maioria delas é casada com os irmãos de suas companheiras.

No texto citado acima, Cavalcante e a antropóloga social Maria Ester Pereira Fortes abordam duas perspectivas antropológicas também debatidas em uma pesquisa de campo. O parentesco e a demarcação de terra que consiste na conquista do direito de terras.

Segundo Maria Janaína Silva dos Santos, a tradição que diz respeito à fabricação da louça vem sendo cumprida desde Cecília (esposa de Zé Bento) até a geração de sua mãe e de

suas tias. A preocupação da mesma está direcionada em observar o desinteresse das jovens em aprender o modo de fazer o a louça. Segundo ela a linhagem segue da seguinte forma:

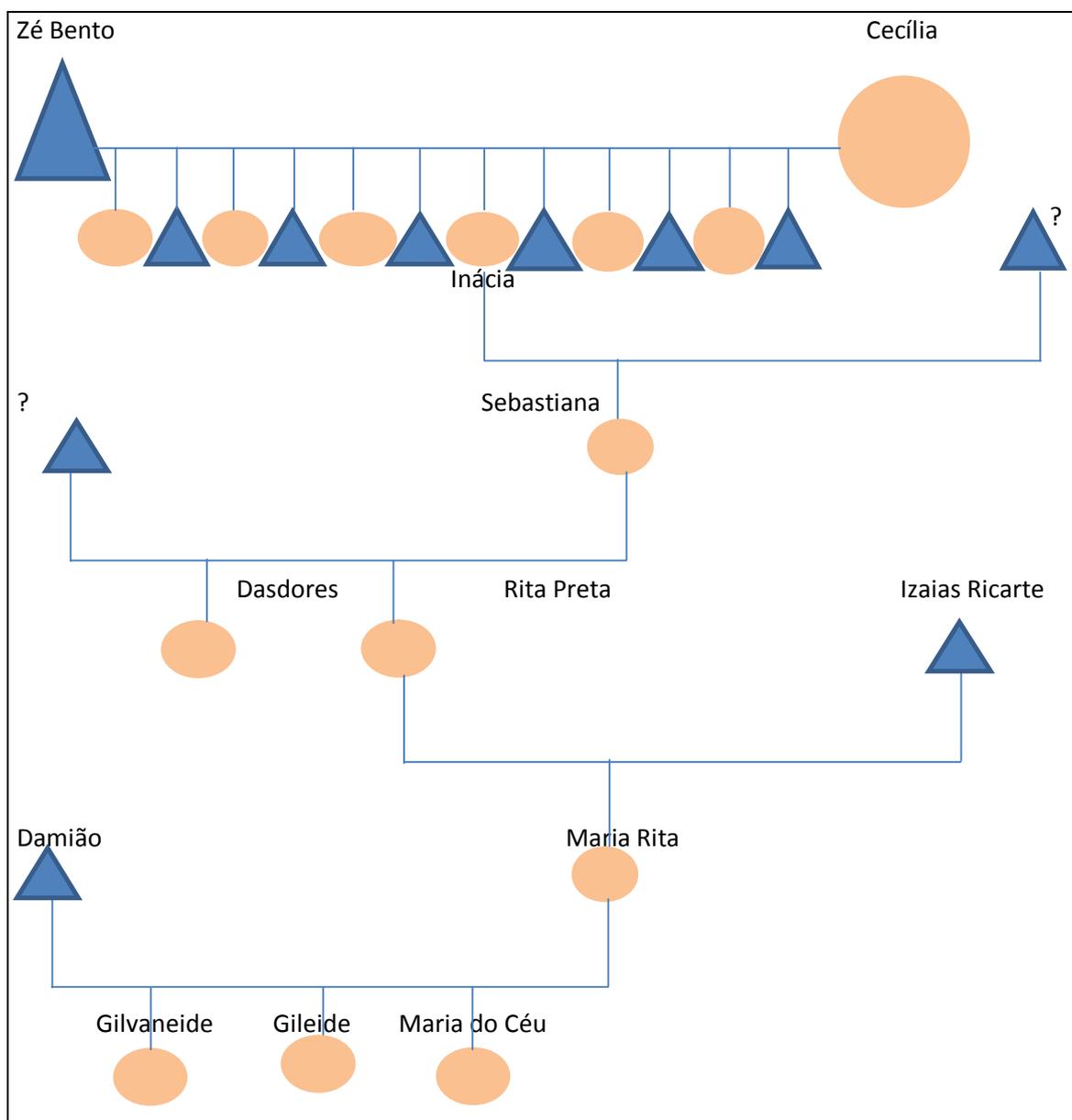


Fig.3- Diagrama de Parentesco da família de Zé Bento e Cecília. Linhagem das mulheres que se tornaram louceiras.

Todas elas foram e ainda são louceiras. Gilvaneide, mesmo trabalhando no galpão, não mediu esforços para estudar e conseguiu ser a primeira mulher quilombola do Talhado a receber um diploma de curso superior, ensinando atualmente como professora na escola *Aruanda*, situada na Comunidade do Talhado Rural (SANTOS, 2007, p. 12).

Essa linhagem se perpetua até os dias de hoje quando se procura saber como começou a transmissão do modo de fazer a louça para as novas gerações.

Em seu texto *O Estado contra a Sociedade? Empasse em um processo de regularização territorial quilombola*, a antropóloga Maria Ester Pereira Fortes relata a luta da Comunidade Quilombola em busca da demarcação de terra. A mesma participou do processo que apoiou a luta da comunidade, e, em seus relatos, ela lembra que o prefeito da época a procurou, solidário em relação aos problemas enfrentados pela Comunidade. O prefeito dizia a ela que a própria prefeitura estava em negociação com o DNOCS a fim de comprar a área reivindicada pela comunidade. A preocupação do prefeito estava baseada no processo de regularização dessa área como território quilombola (FORTES, 2008, p.11).

As opiniões se diversificavam, pois para um sindicalista rural da cidade, a titulação do território quilombola na área urbana não era o bem visto ao ponto que havendo a titulação, a comunidade teria mais um motivo para abandonar de vez a área rural. Alguns moradores da comunidade se mantinham em oposições, pois enquanto uns confiavam totalmente nas políticas públicas voltadas as comunidades quilombolas, outros acreditavam que tais atitudes não iriam ocorrer.

No final de Novembro de 2007, o INCRA solicitou uma nova reunião com o DNOCS; o mesmo ficou responsável por paralisar as obras de construção na área. Os invasores seriam avisados por meio do DNOCS para desocuparem a área e durante seis meses nada foi feito. Com o propósito de interromper mais os avanços dos moradores que não eram quilombolas, a antropóloga social, diante da situação e provavelmente com a ajuda de gente a favor da comunidade, entra em nome do INCRA com uma representação junto ao Ministério Público Federal de Campina Grande- PB, em Março de 2008, solicitando sua intervenção na resolução deste impasse (FORTES, 2008, p.12). A dificuldade que a comunidade encontrava era quanto à possibilidade de obter direito às terras.

O INCRA e o DNOCS foram convidados a participar de uma reunião na Câmara dos Vereadores de Santa Luzia. Os vereadores tinham como objetivo achar uma solução para o problema.

Depois de um ano, a sessão foi aberta. Estavam presentes o INCRA e representantes da comunidade. Um dos historiadores presentes na sessão deixou claro que as terras

reivindicadas não pertenciam e nunca haviam pertencido à comunidade quilombola; chamando a atenção da antropóloga e do INCRA (FORTES, 2008, p.13).

Os discursos dos vereadores estavam baseados na igualdade, sem que houvesse distinção de cores. O INCRA e a Comunidade da Serra do Talhado representavam os oprimidos e os demais vítimas de uma política repleta de injustiça e desigualdade.

Em abril de 2009, na cidade de Campina Grande- PB, ocorreu uma audiência pública convocada pelo Ministério Público da cidade, cujo desfecho foi a favor da comunidade. Nessa sessão, a procuradora enfatizou o direito das comunidades quilombolas, um território capaz de prover sua reprodução social e material (FORTES, 2008, p.14).

O desfecho de assuntos como estes, que envolvem conflito e a luta em busca de demarcação de terra é sempre complicado. A própria Comunidade Remanescente Quilombola tem, desde muito tempo, enfrentado conflitos, sendo o principal deles o conflito político em relação ao reconhecimento e a valorização de terra.

Entretanto, esta pesquisa não pretende abordar essas duas perspectivas antropológicas (Parentesco e Demarcação de Terra) de forma a dar ênfase a tais assuntos como problema antropológico, mas parte de um olhar etnográfico sobre o modo de fazer a louça, a partir de uma abordagem do conceito de patrimônio imaterial, tendo a imagem como método e ferramenta de pesquisa e a literatura sobre memória, oralidade e tradição como referências teóricas.

1.2- Realização do filme *Aruanda* em 1960

A Comunidade no Talhado tem história. Uma dessas histórias está no filme *Aruanda*, produzido por Linduarte Noronha. O filme produzido em 1960 mistura a linguagem do documentário com a ficção e trouxe à tona discussões sobre uma comunidade chamada Talhado. As imagens capturadas despertaram a curiosidade de descobrir quem era aquele povo, quem eram aquelas mulheres que faziam panelas de barro no meio do sertão.

Nascido em Pernambuco no ano de 1930, Linduarte Noronha foi um cineasta reconhecido devido à importância de *Aruanda* para o cinema brasileiro.

Noronha retrata a origem e as dificuldades enfrentadas pelos moradores do Talhado para sobreviverem numa terra inóspita demonstrando o cotidiano da pequena comunidade, sua economia primitiva e seu isolamento social. (Araújo; Batista, 2013, p.7).

O filme conta a história da vida de descendentes de escravos fugidos tendo como protagonista José Bento Carneiro, fundador do quilombo Talhado. José Bento encontrou na terra que então habitava um barro de cor avermelhado, que serviu para a construção de potes e panelas de barro, que mais adiante serviriam de sustento para a comunidade. O filme de Linduarte também descreve a maneira como as louças eram produzidas pelas mulheres do quilombo e, em seguida, carregadas com a ajuda de jumentos para serem vendidas na cidade de Santa Luzia-PB. Lá na cidade eram expostas para a venda nas feiras, que ocorriam aos sábados, como acontece até hoje.

Os moradores da Comunidade do Quilombo do Talhado estão divididos em relação ao que representa para eles o filme *Aruanda* hoje, depois de mais de 50 anos de sua produção. Muitos criticam o diretor do filme por ter produzido um filme na região e este filme não ter trazido nenhum tipo de benefício financeiro e econômico para a comunidade. Outros reclamam da ampla repercussão das imagens de pessoas da comunidade por todo o país e do fato destas imagens terem sido feitas sem que estes personagens tivessem sido beneficiados com o sucesso do filme. Mas, quando presenciamos membros da comunidade e as louceiras do Talhado assistindo ao filme *Aruanda* nos dias de hoje, notamos que quase todos se emocionam, seja com as imagens ou com a música da trilha sonora, pois no momento em que assistem ao filme, se reconhecem nele de alguma maneira.

Não se pode, de fato, deixar de salientar que o filme *Aruanda* cativou inúmeras plateias ao mostrar, de forma realista, imagens do sertão nordestino.

Por meio de conversas informais com integrantes da comunidade do Talhado, percebe-se o caso do trabalho não concluído do cineasta Linduarte Noronha com a própria comunidade. Na primeira ida a campo observou-se que as louceiras tiveram certa resistência em ceder entrevistas, revelando uma reação negativa em relação à produção de imagens sobre a comunidade. Mais tarde, quando perguntei sobre a repercussão do filme na comunidade, elas afirmaram:

Céu: "Alguns vêm bem, outros não, mas muita gente não vê que o filme ajudou para que fôssemos mais reconhecidas...".

Leó: "Eu nem lembro me lembro, mas acho que colocaram aqui uma vez no galpão".

Ao serem indagadas sobre o motivo de não gostarem de serem filmadas nem fotografadas, elas respondem:

Céu: ãEu ainda aceito, mas minhas companheiras não, porque tem pessoas que vêm aqui e não pedem licença para filmar e fotografar; fazem divulgações que não existem, principalmente nos jornais.ö

Leó: ãNão gosto porque a TV correio veio no galpão e fotografou meu filho sem minha permissão e disseram coisas absurdas sobre a comunidade, gerando o trauma em nósö.

Sulia: ãNão gosto de filmar e tirar foto porque tem gente mal educada que não pede permissão, aí vem e tira fotos e filmaö.

Em relação às questões relacionadas à memória, Myrian Sepúlveda dos Santos diz que esse assunto vem sendo o centro de diversos debates. Por isso viraram discursos sociais e políticos que servem de instrumento de reparação às vítimas de injustiças cometidas em um passado remoto (SANTOS, 2005,p.7).

Sendo assim, percebe-se que a confecção da louça, das mulheres do Quilombo do Talhado tem sido alvo de reportagens e comentários, o que as levou a desacreditar no trabalho que muitos pesquisadores vão fazer na comunidade devido muito deles só terem aparecido durante a preparação do trabalho, que era de seu próprio interesse.

CAPÍTULO 2- O MODO DE FAZER A LOUÇA DAS LOUCEIRAS DE SANTA LUZIA

2.1- O processo de fazer da louça e a metodologia de pesquisa: antropologia, imagem e reflexividade

Entre as louceiras do Talhado, costuma-se ouvir que õapesar dos anos terem passado, o registro que se tem do modo de fabricação da louça ainda continua o mesmo; mudando apenas o local de origem onde se fazia a louça, que antes era na Serra do Talhado e hoje é lá embaixo mesmo, na cidadeõ.

O processo de fabricação e produção das louças de barro em Santa Luzia começa quando as louceiras contratam o serviço do senhor Damião Januário da Silva, conhecido como seu Damião, que sai em sua caminhonete e vai ao barreiro buscar o barro para elas, cerca de 15 km da cidade.

Chegando de volta à cidade de Santa Luzia, seu Damião encosta sua caminhonete do lado direito do galpão onde trabalham as louceiras e descarrega o barro para que elas comecem a pisá-lo.

A primeira etapa do õmodo de fazerõ a louça é o pisar do barro, como nos descreve Sulia:

Primeiro tem que pisar o barro com um pau, depois peneirar com uma tela ou peneira, molhar unindo a massa seca com uma molhada, já aproveitada das peças, depois começa fazer as peças, faz um bolo do barro, abre um buraco e vai modelando até formar uma panela ou qualquer outra peça. Todos esses processos são feitos com as mãos. Depois espera secar, aí alisa, queima e trás aqui pra dentro para vender. (SULIA,2013).



Fig. 4 Imagem da primeira etapa do processo de fabricação da louça. O pisar do barro (Foto: Sulia, 2013).



Fig. 5 - Imagem da terceira etapa. Após ser transportado para dentro do galpão, o barro é colocado dentro de uma peneira para retirada de pedras, sendo peneirado em seguida. (Foto: Sulia, 2013).



Fig. 6 - Imagem da quarta etapa. Depois que o barro é peneirado, deve-se molhar a massa, unindo a seca com a molhada. (Foto: Carla Priscila Gerônimo, 2013).



Fig. 7 - Imagem da quinta etapa. Os obolos de barro são feitos após a união da massa molhada com a seca. (Foto: Carla Priscila Gerônimo, 2013).



Fig. 8 - Imagem da sexta etapa. Após a união do barro a massa é modelada até atingir a forma da louça desejada. (Foto: Sulia, 2013).



Fig. 9 - Imagem da sétima etapa. Depois que as louceiras obtêm a forma da panela desejada, elas a cobrem com plástico para õdescansarõ para a próxima etapa que é o alisar do barro. (Foto: Carla Priscila Gerõncio, 2013).



Fig. 10 ó Imagem da oitava etapa. Após o ãdescansoã das louças, elas são retiradas dos sacos plásticos para que sejam alisadas. (Foto: Carla Priscila Gerõncio, 2013).



Fig. 11 - Imagem da nona etapa. Após três dias de ãdescansoã, as peças são levadas ao forno onde as louceiras organizam para que elas não sejam quebradas no fogo. (Foto:Guilherme Monteiro Oliveira, 2014).



Fig.12 - Imagem da décima etapa. Para levar ao fogo, as louceiras enchem o forno com louças e colocam telhas para proteger as peças. (Foto: Carla Priscila Gerôncio, 2013).



Fig.13- Imagem da décima primeira etapa Após as telhas serem colocadas, as louceiras colocam pedaços de lenha para produzir o fogo que chega a 10000 c° (Foto: Guilherme Monteiro Oliveira, 2014).

O forno em que as louceriras queimam suas louças chega a atingir 10000 graus. Por esse motivo, elas esperam até o outro dia para retirar a louça queimada. Mesmo deixando para outro dia, algumas peças estão quentes, então elas usam paus de madeira e tecidos de algodão

para segurar a louça que ainda está quente. Depois disso levam para dentro do galpão, para a venda.



Fig.14- O desenformar da louça. Acontece no dia seguinte pela manhã, pois as louças precisam estar frias. (Foto de Guilherme Monteiro Oliveira, 2014).



Fig.15- As louças são trazidas para dentro do galpão onde as louceiras empilham em fileiras para a exposição e venda. (Foto de Sulia, 2013).

O trabalho de artesanato produzido pelas louceiras do Talhado pode ser considerado uma atividade de valor sociocultural e econômico, a qual envolve uma prática social

heterogênea, através de matérias-primas ou até mesmo de instrumentos de uso particular, ou para venda.

2.1.1- Patrimônio imaterial e o modo de fazer a louça

Segundo (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.11, grifos dos autores), "Patrimônio é uma palavra de origem latina *patrimonium* que se referia, entre os antigos romanos, a tudo que pertencia ao pai, *pater* ou *pater famílias*, pai de família.

Ao falarmos de patrimônio, nos referimos indiretamente ao nosso cotidiano, bem como ao patrimônio econômico e até mesmo financeiro de uma empresa, família ou indivíduo. A Antropologia discute conceito de patrimônio a partir da noção de patrimônio cultural, histórico e imaterial.

O patrimônio cultural de uma comunidade é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade deste grupo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, da história e da cultura de um grupo social. O objetivo principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida. (BRAYNER, 2007, p.13).

Durante anos, no Brasil, ouvimos muito falar em patrimônio histórico caracterizando apenas prédios antigos e obras de arte. Hoje em dia não se fala mais só em patrimônio artístico ou histórico nacional, mas também em patrimônio cultural que se atribui ao conjunto de bens materiais e imateriais, valores e tradições de um determinado grupo ou comunidade (MACEDO, 2006, pg. 5).

O Governo Federal regulamentou o art. 216 da Constituição de 1988, que criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e instituiu como formas de proteger o patrimônio imaterial, o registro em livros temáticos no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Nesse decreto ficaram declarados os quatro livros de registro de manifestações do patrimônio imaterial. São eles: Os Saberes e Ofícios Tradicionais, como as superstições, lendas, brinquedos, saberes populares. As Formas de Expressão como artes visuais, literatura,

música. As Festas e Celebrações, como festas juninas, Natal, Ano Novo. E Os Lugares de Sociabilidade como as praças, mercados, shoppings. (MACEDO, 2006, pg.8).

O patrimônio cultural de um grupo é construído através de expressões e saberes. Tais manifestações encaminham para a linha de memória e identidade desse grupo. Sua preservação remete à ideia de pertencimento de indivíduos a um grupo ou até mesmo lugar.

A necessidade de preservação do patrimônio cultural bem como seu devido reconhecimento possui uma longa trajetória, percorrida desde seus primórdios até sua consagração como de importância salutar para a sociedade brasileira (TOMAZ, 2010, pg.11).

A categoria colecionamento usada e citada por CLIFFORD (1985) apud GONÇALVES (2002) nos recorda que é partir do colecionamento de objetos (materiais e imateriais) que obteremos um resultado para a construção de patrimônio.

O conceito de patrimônio imaterial refere-se a uma concepção de patrimônio cultural, que guarda expressões e tradições de um grupo de indivíduos que preservam sua cultura tradicional, os saberes, as formas de expressão, os costumes, as danças, etc. Ao se reconhecer este patrimônio, se faz necessário registrar essas e outras tradições a fim de mostrar sua permanência e ao mesmo tempo suas transformações. Durante a pesquisa realizada com as louceiras do Talhado, nota-se que as mesmas não tinham noção com a ideia de que o modo de fazer a louça produzida por elas poderia ser considerado um patrimônio imaterial, pois desde o ano 2000, a legislação brasileira garantiu o direito de comunidades tradicionais brasileiras registrarem e salvaguardarem suas manifestações culturais imateriais.

Entretanto, percebe-se que as louceiras insistem que o modo de fazer a louça vem de Deus até pelo fato de as mesmas não terem conhecimento do que significa patrimônio imaterial.

De acordo com Dona Maria Rita aprendemos com nossos pais e isto vem sendo passado de geração em geração. Um marco forte na nossa família.

Mediante os fatos, eu como pesquisadora respeito à falta de conhecimento das louceiras quanto ao que diz respeito a patrimônio imaterial, relatando que as mesmas não estão preocupadas com essa questão de visar o modo de fazer a louça como patrimônio imaterial, mesmo ele podendo ser considerado.

Em muitas culturas, os bens materiais não são separados dos seus proprietários; sem dúvida eles possuem propósitos práticos, mas também apresentam significados mágicos-religiosos, que Mauss (1974) pôde chamar de *fato social total*; são bens de natureza moral, religiosa, política, etc. Segundo ele, esses bens são partes que não separam as condições cósmicas que ultrapassam as condições dos indivíduos.

O fato social total está ligado aos laços que envolvem a culinária, a religião, etc; as mesmas não aparecem como categorias independentes, mas de modo *simbólico*.

Como exemplo de outras manifestações locais, a festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada na cidade de Santa Luzia-PB, também poderia ser classificada como patrimônio cultural tradicional. A festa é realizada no mês de Outubro, quando a santa é levada em procissão pelas principais ruas da cidade. A festividade de louvor à santa apresenta-se a banda Cabaçal. Há também comidas típicas. E ainda o famoso *Tope do Juízo*.

Para os devotos a procissão funciona de forma que a adoração atribuída ao santo retrate uma relação de troca feita com a divindade, onde objetos, matéria e ritual fazem parte de um mesmo conjunto.

Para Márcia Sant'Anna (2002), a preservação de uma comunidade étnica representa, dentre outros, exemplo de memória coletiva; essas memórias propositaram uma *abertura* para as memórias artificiais sobre as quais a mesma diz que o real sentido de monumento foi se apagando e dando origem ao que hoje chamamos de monumento histórico. Os monumentos históricos se enraízam no presente refletindo o passado.

De acordo com Sant'Anna, o objetivo é tão somente a preservação do patrimônio das louceiras; tendo em vista que é uma comunidade tradicional quilombola, pois o registro que liga a identificação de conhecimentos sobre um bem cultural de natureza imaterial procura documentar o presente ou o passado. O objetivo é preservá-los.

Para Mariza Veloso (2006), para que o patrimônio cultural possa se transformar em uma mercadoria, ou seja, que ele se transforme em um mero produto, é preciso que capitalismo tardio marcado pela submissão do trabalho e outras consequências provoque uma mercantilização da cultura, criando a noção de que o consumo cultural se atribuía à distinção social.

Como afirma Veloso, as louceiras realmente perpassam este entendimento de que, o cultural está atribuído ao social, ou seja, elas insistem que o modo de fazer a louça vem de Deus e não qualquer que seja patrimônio.

O patrimônio material e o patrimônio imaterial expressam marcas de distinção, que se atribuem a situações específicas vividas por uma determinada comunidade. A autora acredita que os valores estéticos presentes nos contextos históricos podem, de fato, estar presentes nas manifestações patrimoniais, que podem ser compartilhadas por um grupo ou um só indivíduo.

Dessa forma, ainda que possamos usar a categoria patrimônio em contextos muito diversos, é necessário adotar certas precauções. Por isso pode-se dizer que é preciso constatar cuidadosamente as concepções do observador quanto às concepções nativas de cada pessoa ou comunidade.

Veloso afirma que a valorização do saber está presente em cada pessoa e a autora Amorim nos alerta que:

[...] devemos nos preparar para o desafio de negociar os sentidos culturais, em rápido processo de transformação e apropriação simbólica, com mais consciência de que esta é uma negociação política de sentidos e que, por isso mesmo, os divergentes interesses (que nem sempre serão divergentes) dos diferentes agentes deste processo devem ser identificados e enfrentados com coerência e transparência. (AMORIM, 2006, p. 509).

O que se espera é que os próprios produtores culturais possam ser capazes de construir suas próprias narrativas a respeito dos bens patrimoniais (casas, praças, etc.), como também manifestações culturais (artesanato, comidas típicas, músicas, etc).

Assim, o modo de fazer a louça pode ser entendido como uma representação da identidade cultural da louceiras do Talhado, e não só como um patrimônio imaterial latente, uma vez que a comunidade em si, desconhece a política pública do patrimônio imaterial no Brasil.

2.1.2 A memória e a identidade das louceiras

As mulheres quilombolas da Serra do Talhado, conhecidas como louceiras, vivem na cidade de Santa Luzia-PB, e trabalham na Rua Arlindo Bento, que se localiza no Bairro São

José. Não ganham nenhuma renda mensal específica, pois seu ganho varia de acordo com cada venda. O principal material para a fabricação da louça elas compram, pagam um carroceiro para ir buscar o barro lá na serra e trazer até o galpão -local de trabalho das mesmas - para descarregá-lo.

O projeto do local de trabalho das louceiras- o galpão *Cerâmica Artesanal de Santa Luzia* - se concretizou através de lideranças políticas no dia 18 de Maio de 1995. O galpão é composto por dois salões de sessenta (60) metros quadrados nos quais se dividem as nove louceiras. Elas acordam todos os dias cedo para se dirigirem ao galpão e moram no bairro São Sebastião, mais conhecido como Monte. A maioria delas não possui outra fonte de renda e é através do fabrico da louça que elas ajudam seus maridos nos gastos da casa.

Mediante esse contexto fica explícito que para obtermos os resultados desejados para a realização deste trabalho se fez necessário à utilização de uma metodologia coerente e eficiente que colheu subsídios que respondam aos questionamentos levantados, vindo estes a confirmar hipóteses deste trabalho. O modelo de pesquisa pode ser considerado exploratório com abordagem quantitativa e qualitativa. O estudo de caráter exploratório que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno pouco estudado (GONÇALVES, 2001, p.65).

Também foi utilizada a pesquisa descritiva por expor características de determinada população ou de determinado fenômeno. Podem também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza (VALADARES, 2003, p.47) e a pesquisa bibliográfica por ser um estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral (VALADARES, 2003,p.48).

Quando questionadas sobre o dom de fazer a louça e sobre qual o significado para elas, obtêm-se as seguintes respostas:

Céu: O Para mim ser artesã é muito importante, apesar de algumas pessoas não nos dá o devido valor, devido ao fato de estarmos neste local (galpão).O

Leó: O É bom demais.O

Sulia: O Ter o dom de fazer é importante.O

Mediante as respostas das artesãs fica explícito que todas elas têm a certeza dentro de si, que esse dom vem de Deus.

A segunda questão indagava se o modo de fazer a louça é de fato passado de geração em geração. As respostas foram:

Céu: “Sim, mas isso foi no tempo de mãe preta, para cá, com a gente, porque as jovens não querem saber da louça não.”

Leó: “Sim.”

Suia: “É, mas muitas não se interessam.”

Percebe-se que nesse relato as louceiras consistem na crença de que a aprendizagem e o dom de quem realmente sabe como se fazer a louça sejam passados para as novas gerações para que não se perca uma tradição que tem sido passada de mãe para filha.

Quando questionadas sobre como as jovens se interessam em aprender o modo de fazer a louça, elas afirmam que:

Céu: “Eu prefiro que elas estudem.”

Leó: “Não. Às vezes, Michelle vem aqui ajudar e mesmo assim reclama.”

Suia: “Não, percebo que não.”

Frente a essa realidade é preciso que as jovens tenham um incentivo maior que os leve a sentir a importância de manter a tradição, pois ninguém gosta de fazer aquilo que se acredita ser difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair sentido.

Para as louceiras o dom de fazer a louça vem de Deus e quem tem esse dom pode, de fato, passar para outras jovens que querem aprender como fazer. Como diz Dona Maria Rita:

“Nasci fazendo loiça e vou morrer fazendo loiça.”

Diante do exposto, percebe-se que as louceiras vêm no fabrico da louça, uma forma de ajudar suas famílias nas despesas mensais. Dona Maria Rita, mãe de Céu, lamenta o fato de não ter mais as mesmas condições físicas para a fabricação da louça, pois atualmente elas apenas compram as louças das louceiras que ainda exercem o ofício e as revende para compradores, que diz, de vez em quando aparecem em sua casa.

Até hoje a feira na cidade de Santa Luzia ocorre no sábado. Entretanto as louceiras já não vendem mais suas louças na feira, bem como relata Josefa Cavalcante:

A feira de Santa Luzia é realizada no sábado: A louça é levada até um determinado local, onde se encontram intermediários, pessoas de Santa Luzia ou Patos que lhes compram as cargas completas (CAVALCANTE, 1975, p.48).

Atualmente, as louceiras continuam suas vendas no galpão *Cerâmica Artesanal de Santa Luzia*. Os intermediários continuam a encomendar peças de louças a elas. Com o decorrer do tempo, o número de compradores em busca da louça aumentou, surgindo compradores de outros lugares fora da Paraíba, como São Paulo, Brasília, Recife. Os preços das peças variam de acordo com o formato de cada uma delas. Por exemplo:

A panela maior custa R\$ 10,00 (sem a tampa), com a tampa o preço aumenta o valor de R\$ 5,00, totalizando R\$ 15,00; já a panela média custa R\$ 5,00 (sem a tampa), com a tampa o preço aumenta para R\$ 7,00; a panela pequena custa R\$ 1,50 (sem a tampa), com a tampa o preço aumenta o valor para R\$ 6,50; o prato maior custa R\$ 2,00, o menor, R\$ 1,50; a cuscuzeira custa R\$ 5,00; o fogão custa R\$ 15,00; o pote grande custa R\$ 30,00, o médio custa R\$ 25,00, o pequeno custa R\$ 15,00 e o copo custa R\$ 1,00.

A venda da louça é sem dúvida um fator importante que marcou o contato de pessoas do Talhado com pessoas de fora da cidade e do Estado.

Mesmo tendo saído do Talhado Rural por tanto tempo, as louceiras não se esquecem do significado que o Talhado tem para elas. A memória traz lembranças de um passado que vive presente até hoje na vida de cada pessoa que vive e dos que viveram naquele lugar. Por isso que elas lutam para preservar e guardar a memória dos fatos e de sua origem, como diz Pollack (1989): à memória transmite cuidadosamente as lembranças dissentes nas redes familiares e de amizades. É assim que as louceiras vivem e revivem a história do passado, que se tornará o futuro de cada uma louceira, mulheres guerreiras que vivem até hoje as lembranças muitas vezes traumatizantes, como afirma Pollack. (POLLACK, 1989, p.4).

CAPÍTULO 3 – MEMÓRIA, ORALIDADE E TRADIÇÃO: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE O MODO DE FAZER A LOUÇA

3.1- Memorial do filme

Em 2011, foi realizada na UFPB/Litoral Norte, em Rio Tinto - PB uma mostra de filmes paraibanos. O evento ocorreu no Laboratório de Antropologia Visual - Arandu e foi nessa oportunidade que assisti pela primeira vez ao filme. Depois que o mesmo já estava avançado, percebi que retratava a história das louceiras da cidade de Santa Luzia-PB, minha terra natal. No final da amostra, fui procurar mais informações sobre o assunto, pois o filme retratava a história de José Bento Carneiro, fugitivo de caçadores de escravos, vindo do Piauí no período que antecedeu à abolição.

O filme *Aruanda*, realizado em 1960 por Linduarte é considerado como o principal retrato fílmico da história da Comunidade do Talhado em Santa Luzia-PB.

No filme de Linduarte, o modo como o barro vermelho foi encontrado por Zé Bento surgiu como forma de sobrevivência para muitos daquela comunidade, nos fornecendo assim, a oportunidade de mergulharmos nessa história que eles construíram e que ainda hoje tem o barro como algo peculiar.

Na narrativa, Zé Bento, decidido a morar naquele lugar, começa a levantar sua morada. Ao pisar em certo tipo de barro, observa que ele era diferente dos outros, mais avermelhado e melhor que os demais. Dessa forma, construiu sua casa e percebeu que através do barro vermelho e da água, poderia pisar e moldar panelas de barro; a partir disso, se deu conta que, através do artesanato produzido, poderia tirar o dinheiro para o sustento de sua família.

Na cidade havia uma feira livre e logo Zé Bento teve a ideia de fazer panelas de barro para vendê-las lá, logo embaixo da Serra do Talhado. Sendo um homem simples, mas de brilhante ideia, fez uso dos burros de carga para transportá-las até o local onde iam ser vendidas. E assim o tempo foi passando até que o comércio foi aumentando e Zé Bento juntamente com sua família iam sobrevivendo.

Mediante esse contexto, dei-me conta de que era esse o tema da monografia, pois tratava de histórias de um povo que luta por sua sobrevivência e que de alguma forma faz parte de minha história.

Na oportunidade, em Maio de 2011, fomos visitar a cidade de Santa Luzia-PB com o objetivo de conhecer essa história de perto e ver um exemplo de patrimônio imaterial; tendo em vista que estávamos no 5º período do curso de Antropologia.

Foi uma visita importante para todos. Fomos acolhidos pela louceira Céu e as demais louceiras, Léo, Sulia, Fátima e Aparecida, de quem ouvimos atentamente o processo de fabricação da louça. Após esta visita ao galpão, fomos ao encontro da ex secretária de educação Tereza Alves, militante da causa quilombola. Na oportunidade, a mesma relatou a importância da luta pela integração do negro quilombola na busca por um espaço econômico e social.

Considerando a história do povo do Talhado, resolvemos ir até a comunidade, onde nós encontramos com a jovem Janaina dos Santos que nos levou para conhecer seus avós paternos, Sebastião Bráz e Joana Carneiro, conhecida por Jovelina, que demonstraram gostar muito da terra onde moram, enfatizando só a escassez que era presente.

Atualmente, há duas comunidades quilombolas do Talhado, uma rural e uma urbana. A comunidade remanescente de quilombo urbano se localiza a 24 km do município paraibano de Santa Luzia. Ela se formou devido à migração, por volta do final da década de 1960, quando moradores da área rural saíram para a área urbana da cidade. A liderança da comunidade foi representada por dona Rita Preta durante pelo menos três décadas, sendo depois assumida por Céu, que esteve à frente da *Associação das Comunitárias Negras Louceiras da Serra do Talhado* até 2013, quando foi assassinada brutalmente pelo seu cônjuge.

A associação foi certificada pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em Junho de 2005. A população do Talhado que migrou para a zona urbana de Santa Luzia abrange os descendentes de Zé Bento, que vivem atualmente no Bairro São José em torno do galpão das louceiras, localizada na Rua Arlindo Bento.

O município também abriga outro aglomerado de moradores do Talhado, vivendo no Bairro São Sebastião - Monte. As famílias que hoje estão vivendo na área urbana migraram com mais intensidade a partir dos anos 1970 a 1980, fugindo da seca, se estabelecendo ali em

meados do século XIX. No decorrer do tempo, outros moradores foram ocupando a mesma área.

A Comunidade Rural é liderada por seu Sebastião Bráz mencionado anteriormente. Sendo ele o mais velho, todas as questões lhe são direcionadas.

O casal protagonista do filme foi Zé Bento e sua mulher Cecília. As cenas que acontecem no quilombo tiveram como protagonistas os próprios integrantes da Comunidade.

De acordo com essa realidade que os cercava, a exploração do trabalho entre outros fatos era visível de modo que, ao chegar para conhecer de perto suas vivências fui de imediato um pouco ãrejeitadaõ, percebendo que as mesmas se assustaram ao ver um caderno de anotação e uma câmara em minhas mãos.

Uma delas me informou que havia uma das louceiras que se deixava ser fotografada e seu nome era Céu; e assim fui procurá-la. Percebendo que a cena não ia ser muito diferente, procurei ter cautela e explicar o objetivo da pesquisa. Expliquei que não queria explorá-las e sim fazer um estudo ,através do qual pudesse de alguma forma ajudá-las.

Foi tendo esta conversa que conquistei a confiança de Céu e das outras louceiras do galpão, podendo realizar o presente trabalho.

3.2 - Gravação do filme

Tudo começou quando decidimos nos preparar para irmos a campo. Fomos à professora Lara, dois alunos do curso de Antropologia, Guilherme e Muniz, e eu. Uma visita seria feita à cidade de Santa Luzia-PB, aonde iríamos até o Talhado para a realização da gravação do filme.

Tínhamos um roteiro e isso facilitou nosso campo. Entretanto, quando fomos verificar os equipamentos, nos demos conta de que havíamos esquecido o cabo do microfone; por sorte, levamos um gravador⁷, câmeras⁸ e um tripé pequeno, mas isso serviu de lição para que numa próxima ida a campo, não deixarmos de verificar o equipamento detalhadamente.

⁷ Gravador SONY PCM-M10 (com duas pilhas, cabo usb, força e retorno na caixa).

⁸ Câmera HDR-CX350 (com duas baterias e um carregador); Câmera PJ-10 (com uma bateria Altiforce, um carregador, um cabo usb e uma bolsa).

Resolvemos gravar a ida ao barreiro e logo cedo estávamos na casa de seu Damião e Dona Maria Rita, pais de Céu; em seguida, seu Damião nos levaria ao barreiro.

Para surpresa da equipe, seu Damião pareceu tranquilo, agia naturalmente. Sabemos que de fato é difícil trabalhar com a câmera, as opiniões são unânimes quando se faz uma pergunta em relação à inibição que ela causa.

As louceiras se sentiram inibidas com a câmera, mas tudo se resolveu com uma conversa. Filmamos todo o processo da louça.

Aproveitamos a oportunidade e passamos o filme *Aruanda* para que todos pudessem ver o trabalho que elas têm desenvolvido desde muito tempo. No início foram resistentes, mas ao longo do passar do filme foram atraídas pelo som que estava percorrendo em volta do galpão.

Dona Neusa, uma das louceiras, teve a oportunidade de rever seus parentes já falecidos, ela que foi uma das personagens do filme produzido por Linduarte Noronha.

No dia seguinte, no percurso ao Talhado, passamos por um lugar chamado de ãCamuengoõ e dona Maria Rita relatou a história de um rapaz que se jogou do alto das pedras, mostrando a cruz que tem até os dias de hoje. Entre essas e demais conversas, seu Damião contou suas experiências durante a morada na Serra do Talhado até sua vinda para a cidade, Santa Luzia-PB. Dona Maria Rita também não deixou de contar sua trajetória e a de sua mãe. Ela também não deixou de falar sobre sua filha Céu, assassinada em 2013.

Produzimos assim, em média cinco horas de imagens audiovisuais. Como havia prometido voltar para mostrar o trabalho, retornei ao galpão e assisti juntamente com elas algumas das cenas que foram registradas ao longo da pesquisa.

Aproveitando a volta a Santa Luzia e por motivo de a equipe não ter tido tempo de ir ao Talhado, fui novamente com Marcos (irmão), Mateus (sobrinho), Dona Maria Rita e Seu Damião.



Fig.17 é Imagem do Rio Camuengo que fica a poucos quilômetros ao Talhado. Este lugar é considerado um dos lugares mais belos que se diz respeito ao Talhado.(Foto: Carla Priscila Gerônimo,2014).



Fig.18 - Imagem da Cruz do Camuengo como é conhecida. Todos os moradores da redondeza contam a história de um rapaz que se jogou nas pedras de uma grande altura por um amor não correspondido. (Foto: Carla Priscila Gerônimo, 2014).

Antes mesmo de subirmos até o Talhado, eu resolvi subir até uma parte da serra a pé.



Fig.19 - Imagem da estrada que leva a subida da serra. Antigamente esta subida era toda no barro e, depois de alguns anos, foi calçada facilitando a entrada e saída de veículos. (Foto: Carla Priscila Gerônimo).

Partimos para o Talhado deixando a caminhonete, pois faríamos o percurso a pé, foram horas subindo e descendo serras.



Fig. 20 - Imagem da descida do Talhado. O resto da caminhada permanece assim até Chegarmos ao lugar desejado. São longas descidas e curvas rodeadas de mato seco e pedras. (Foto: Carla Priscila Gerônimo, 2014).



Fig. 21 Imagem de uma das belezas naturais do Talhado. Este imagem faz parte do que compõem o Rio Camuengo. Segundo os moradores, quando chove, essas pedras são cobertas pela água. (Foto: Carla Priscila Gerônimo, 2014).

Chegando à casa de seu Sebastião Bráz, me apresentei a ele e a dona Jovelina (novamente), dizendo aos dois que em 2011 já havia estado em sua casa.

Depois que a gravação terminou, dona Jovelina voltou a falar do filme *Aruanda*. Disse para ela que tinha o filme, caso ela e seu Sebastião quisessem assistir, então coloquei o computador na cadeira para eles assistirem.



Fig. 22 - Imagem de Dona Jovelina e seu Sebastião Bráz. Os mesmos se posicionam atentos à tela do computador, onde assistem ao filme *Aruanda*. Os mesmos presenciaram as gravações do filme, em 1960. (Foto: Carla Priscila Gerônimo, 2014).

Quando o filme terminou, ela me disse que a prefeitura havia feito um folheto do filme e ela o tinha.

A mesma se retirou e foi procurá-lo. Seu Sebastião ficou curioso e quis saber do que se tratava. Então dona Jovelina se dirigiu até a cama em que ele estava e lhe mostrou os desenhos, lendo o que estava escrito.



Fig. 23 - Imagem de Dona Jovelina mostrando o Folheto de *Aruanda* a seu Sebastião Bráz. Ela mesma mostra e fala a ele do folheto elaborado pela prefeitura da cidade que teve a intenção de divulgar o filme. (Foto: Carla Priscila Gerôncio, 2014).



Fig. 24 ó Dona Jovelina me chama a atenção e mostra apontando seu dedo e lendo em voz alta o folheto a respeito do filme *Aruanda*, onde ela fica feliz reconhecendo que seu ôsítioô é conhecido internacionalmente. (Foto: Carla Priscila Gerôncio, 2014).

Dia 13 de Agosto, retornei a Rio Tinto com todo material coletado. Fiz um backup para garantir que elas ficassem seguras, foram reunidas um total de mais de seis horas de gravação que foram decupadas e editadas para a gravação do filme.

Logo, os fatos que ocorreram no campo, foram extremamente importantes na observação participante e elaboração deste trabalho. Saber respeitar o outro e o espaço do outro é uma forma de você se enxergar de fato um pesquisador.

3.3- Roteiro de edição do filme

Locais de filmagens (abertura do filme): A serra do barreiro.

Cena 01: Produção da louça.

Tomada 1: Processo de fabricação da louça.

Sequência: As louceiras mostram cada passo do modo de fazer a louça.

Cena 02: Sobre o filme *Aruanda*:

Tomada 1: As louceiras e o radialista Batista Alves presente na história da Comunidade do Talhado expõem suas opiniões sobre a repercussão do filme. As opiniões se dividem.

Cena 03: Assistindo ao filme *Aruanda*

Tomada1: Dona Jovelina e seu Sebastião Bráz assistem ao filme *Aruanda*.

Tomada2: Finaliza-se com a pesquisadora assistindo ao filme *Aruanda* com as louceiras.

Sequência: Trilha sonora **ó** Oh mana deixa eu ir **ó** Coco Paraibano; Othamar Ribeiro, finalizando o filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como meta proporcionar às louceiras do Talhado a oportunidade de construírem uma representação de si mesmas, desconstruindo traumas vividos devido à produção de imagens e filmes de pesquisadores menos sensíveis às suas necessidades.

Mediante esta linha, entendo que as pesquisas produzidas na Comunidade do Talhado não parecem ter sido satisfatórias para as pessoas que fazem parte da comunidade, gerando dificuldades para outros campos de pesquisa. [...] Desde a filmagem de *Arunda* (1960) até os dias de hoje, sempre aparecem pesquisadores e curiosos procurando informações sobre o Talhado [...] (SANTOS, 1998, p.23).

Nesse sentido, o método aplicado neste trabalho etnográfico com imagens foi o método da antropologia compartilhada. A partir do uso da fotografia e da realização de um documentário, a pesquisa pretendeu expressar a voz das louceiras do Talhado que não se sentiram representadas como gostariam no filme *Aruanda*.

A Comunidade Quilombola do Talhado possui uma história particular, caracterizada e marcada pelo preconceito e pela exclusão, pois a maior parte dos moradores da cidade de Santa Luzia-PB parecem não reconhecer a importância da sua identidade étnica e cultural.

A partir do conceito antropológico de patrimônio cultural imaterial, aborda-se o ofício e o modo de fazer a louça das louceiras do Talhado, no sentido de reconhecer essa noção de pertencimento a uma comunidade e no sentido de estimular a afirmação de mais um direito de cidadania desse grupo social que tem sofrido, historicamente, um processo de exclusão social devido às suas origens étnicas.

Acredito que a pesquisa sobre a memória cultural, feita com a colaboração amigável das louceiras, me proporcionou um novo olhar sobre o trabalho etnográfico.

Espero que este trabalho possa abrir portas para novas pesquisas, reafirmando a importância da preservação de um bem cultural.

As reflexões que fiz foram baseadas nas leituras e orientações que tive sobre diversas áreas do conhecimento antropológico, orientações metodológicas e o uso da câmera,

principalmente nas aulas práticas da disciplina de Técnicas e Estéticas do AudioVisual e Antropologia Visual.

Durante o tempo que permaneci em campo, pude notar que as louceiras mostram proximidade umas com as outras e demonstram o valor que dão a sua tradição cultural no modo como fazem a louça de barro.

O registro de coleta de dados consiste em observar todo tipo de evento dentro de um determinado ambiente, estando o pesquisador (a) atento aos comportamentos e interação do grupo ou comunidade pesquisada.

As anotações feitas no diário de campo e as leituras realizadas no decorrer do curso, me proporcionaram um olhar mais atento ao cotidiano da Comunidade do Talhado, mesmo não morando fixamente na cidade de Santa Luzia-PB. Esta pesquisa serviu também para me ajudar a observar as regularidades da vida de cada um que faz parte da comunidade do Talhado.

A análise deste trabalho, em decorrência da captação de imagens audiovisuais, na visão da autora foi uma experiência nova, devido aos conhecimentos adquiridos dentro da sala de aula que teve na disciplina de Antropologia Visual visando à metodologia de enquadramento de Claudine de France, salientando que, analisando as gravações originais capturadas em campo, a autora percebeu que, algumas não saíram como se havia planejando, porém, a mesma percebeu que, apesar disso, o esforço da equipe para que saísse da forma como desejava fez com que certos detalhes nem fossem considerados tão relevantes, uma vez que seria a primeira experiência fílmica dela e de sua equipe.

Portanto, o intuito deste trabalho foi de fazer uma etnografia visual do processo de produção da louça feito por mulheres que vivem na Comunidade do Talhado, em Santa Luzia-PB.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Lara Santos de. O registro de manifestações culturais tradicionais ou uma aventura pelos novos caminhos das políticas públicas brasileiras. **Revista Habitus**, Goiânia, V.4, n.1. p.493-511, jan/jun.2006.
- ARAÚJO, Eulália Bezerra, BATISTA, Mércia Rejane Rangel. **O Quilombo do Talhado: História(s) sobre um lugar e seu fundador**. Natal, Julho, 2013.
- BARBOSA, Andréa. **Antropologia e Imagem/** Andréa Barbosa e Edgar Teodoro da Cunha- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2006.
- BERNADET, Jean-Claude. **Cineastas e imagem do povo/** Jean-Claude Bernadet. óSão Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais/** Natália Guerra Brayner _ Brasília, DF: IPHAN, 2007.
- CAVALCANTE, Josefa Salette Barbosa. **Talhado: um estudo de organização social e política**. Dissertação de Mestrado apresentada á UFRJ em 1975.
- COSTA, Marli Lopes da; CASTRO, Ricardo Vieira Alves de. **Patrimônio imaterial nacional: preservando memórias ou construindo histórias?** Estudos de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 2, n. 13, pp. 125-131, 2008.
- FORTES, Maria Ester Pereira. **O Estado contra a Sociedade? Empasses em um processo de regularização territorial quilombola**. São Paulo, 2008.
- FRANCE, Claudine de. **Cinema e antropologia**. (Trad.) Március Freire. Campina, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu: **Patrimônio histórico e cultural/** Pedro Paulo Funari e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.
- GOMES, Paulo Emílio Sales. **Crítica de Cinema no Suplemento Literário** ó Volume II/Paulo Emílio Sales Gomes ó Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. Memória e patrimônio. Rio de Janeiro: DPGA, 2003.
- MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **O que é patrimônio imaterial?** , Natal, 2006.
- MALINOWSKI, Bonislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo. Série Os Pensadores. Abril Cultural, 1984.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca em sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Edusp, 1974.
- MENEZES, Maria A. De. **História oral: uma metodologia para o estudo da memória**, em VIVÊNCIA. UFRN/CCHLA. Natal, n. 28, 2005. Julie A. Cavignan (org.) e Márcio M. Valença (Editor).

NÓBREGA, Joselito Eulámpio da. **Comunidade Talhado. Um Grupo Étnico de Remanesência Quilombola: Uma identidade construída de fora?** Campina Grande-PB, 2007.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo um documentário?**/Fernão Pessoa Ramos. ó São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SANT'ANNA M. **A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização.** In: ABREU, R; CHAGAS, M. Memória e patrimônio. Rio de Janeiro: DPGA, 2003.

SANTOS, Maria Janaína dos. **Territórios Quilombolas da Serra do Talhado.** In: 3º Prêmio Territórios Quilombolas. 3º ed. Brasília: SUPER NOVA, 2012, V. 3. p. 246- 256.

, Maria Janaína dos. **Louceiras negras do Quilombo do Talhado: Uma história de luta de resistência,** Santa Luzia ó PB, 2007. (resenha cedida pelo autor).

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Identidade Nacional.** São Paulo: Anablume, 2013 (coleção crítica contemporânea).

SANTOS, José Vandilo dos. **Negros do Talhado. Estado sobre a identidade étnica de uma comunidade rural.** Dissertação de Mestrado apresentado á UFCG/PB em 1998.

TOMÁZ, P.C. A preservação do Patrimônio Cultural e sua trajetória no Brasil. **Revista de História e Estudos Culturais.** V.7, Ano VII, n.2. Agosto, 2010.

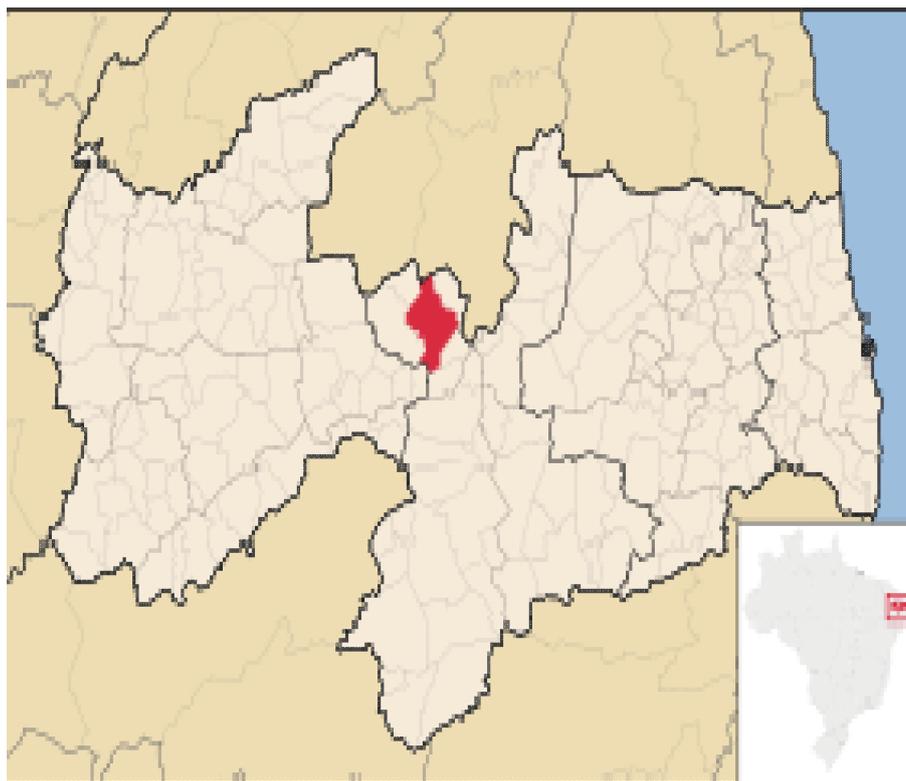
VALADARES, Valdira Gomes. **Valores e educação na contemporaneidade: a influência da personalidade na educação.** Disponível em: < <http://WWW.psicopedagogia.com.br/artigos/>>. Acessado em: 26 jan. 2014.

VELOSO, Maria. O fetiche do patrimônio. **Revista Habitus,** Goiânia, V.4, n.1. p.437-454, jan/jun.2006.

VELÔSO, Thelma Maria Grisi. Memória e Identidade: considerações sobre pesquisas realizadas com pequenos produtores rurais, Em **VIVÊNCIA.** UFRN/CCHA. Natal, 28, 2005. Julie A. Canignan (org) e Márcio M. Valença (editor).

ANEXOS

ANEXO I ó Localização de Santa Luzia na Paraíba. (FONTE: IBGE).



ANEXO II ó Cópia da Certidão de Auto- Reconhecimento da Comunidade Quilombo da Serra do Talhado pela Fundação Cultural Palmares (FCP).



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 MINISTÉRIO DA CULTURA
 FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
 Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade Quilombo de SERRA DO TALHADO**, localizada no município de Santa Luzia (Sabugi) no sertão do Estado da Paraíba, com a população estimada em 200 (duzentas) pessoas, cujo ancestral foi o fugitivo de caçadores de escravos José Bento Carneiro, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 001, Registro n.º 019, f.20, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Requerimento n. 016/2004, assinada pela vereadora Terezinha Alves Nóbrega da Câmara Municipal de Santa Luzia-PB

Processo n. 01420.000195/2004-41

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavref e a extraí. Brasília, DF, 16 de Abril de 2004.

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
 Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF – Brasil
 Fone: (0 XX 61) 424-0106/(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 326-0242
 E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

ANEXO III ó Documento registrado em cartório sobre direitos autorais e autorização de imagens assinadas pelos colaboradores para realização desse trabalho.

TERMO DE DIREITOS AUTORAIS

Eu **CARLA PRISCILA GERÔNCIO**, RG n.º 5.5027-7, CPF n.º 094.758.384-06, residente e domiciliada na Rua Manoel Cavalcante, n.º 10, Bairro Antônio Bento Morais, Santa Luzia, Paraíba, CEP: 58.600-000.

Declaro para os devidos fins, ser a autora e titular dos direitos autorais da obra **AS LOUCEIRAS DE SANTA LUZIA – PB: UM ESTUDO IMAGÉTICO DO “MODO DE FAZER” A LOUÇA ENTRE AS MULHERES NEGRAS DA SERRA DO TALHADO**. A pesquisa e o documentário foram elaboradas por mim e que não há, nesta monografia, cópias de publicações de trechos de títulos de outros autores sem as respectivas citações e referências, nos moldes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Eu não permito e não permitirei a ninguém copiar o meu trabalho com a intenção de passá-lo como se fosse trabalho dele.

Eu afirmo que o conteúdo desta monografia é original e não foi entregue a nenhuma outra disciplina ou curso.

Neste diapasão, o artigo 33 da Lei de Direitos Autorais, determina que “ninguém pode reproduzir obra que não pertença ao domínio público, a pretexto de anotá-la, comentá-la ou melhorá-la; sem permissão do autor”.

A violação dos direitos autorais (Lei 9.610/1998) por meio de plágio é crime de acordo com o Código Penal Brasileiro (Art. 184 e seguintes).

Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos:

Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa.

§ 1º Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente:

Pena – reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

§ 2º Na mesma pena do § 1º incorre quem, com o intuito de lucro direto ou indireto, distribui, vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire, oculta, tem em depósito, original ou cópia de obra intelectual ou fonograma reproduzido com violação do direito de autor, do direito de artista intérprete ou executante ou do direito do produtor de fonograma, ou, ainda, aluga original ou cópia de obra intelectual ou fonograma, sem a expressa autorização dos titulares dos direitos ou de quem os represente.

§ 3º Se a violação consistir no oferecimento ao público, mediante cabo, fibra ótica, satélite, ondas ou qualquer outro sistema que permita ao usuário realizar a seleção da obra ou produção para recebê-la em um tempo e lugar previamente determinados por quem formula a demanda, com intuito de lucro, direto ou indireto, sem

IM A presente fotocópia confere com o original exibido nestas Notas. Dou fé.

SANTA LUZIA, Paraíba, 18/05/2015.

ABM58776-WQB4



autorização expressa, conforme o caso, do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor de fonograma, ou de quem os represente:

Pena – reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

§ 4º O disposto nos §§ 1º, 2º e 3º não se aplica quando se tratar de exceção ou limitação ao direito de autor ou os que lhe são conexos, em conformidade com o previsto na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, nem a cópia de obra intelectual ou fonograma, em um só exemplar, para uso privado do copista, sem intuito de lucro direto ou indireto." (NR).

Posto isso, **é expressamente proibida a cópia, reprodução e divulgação** dos textos, fotos, ilustrações, documentário e outros elementos contidos nesta edição, bem como, as imagens que dizem respeito as louceiras, pois, as mesmas também priorizam tudo o que foi dito, **sob pena de crime de acordo com o Código Penal Brasileiro.**

Segue autorização das louceiras que autorizam o documentário, somente, nesta monografia. Ressalta-se, uma das louceiras, Maria do Céu Ferreira da Silva (Céu), faleceu, e doravante deve prevalecer a proteção aos direitos da pessoa humana.

Carla Priscila Gerônimo

Carla Priscila Gerônimo

Leonice Maria dos Santos (Leó)

Leonice Maria dos Santos (Leó)

Maria Auxiliadora da Silva

Maria Auxiliadora da Silva (Sulia)

Maria de Fátima Silva de Andrade

Maria de Fátima Silva de Andrade (Fátima)



Santa Luzia/PB, 23 de abril de 2015.

AUTORIZAÇÃO DE USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM**[FOTOGRAFIA, VIDEO E DE SOM GRAVADOS]****TERMO DE AUTORIZAÇÃO****Eu Maria Auxiliadora da Silva**

RG nº 3125822

SSP PB e CPF nº 081.949.414-31

Autorizo a divulgação da minha imagem (foto e vídeo) e de minha voz gravada para que seja exibida em cinema, televisão, internet e em outros tipos de publicação em qualquer época, cujo projeto é do meu conhecimento. Declaro então que não tenho nada a reclamar sobre quaisquer eventuais direitos pelo uso do material gravado e/ou fotografado, podendo o mesmo ser alterado em montagem de áudio e vídeo e veiculados pelos meios existentes.

Santa Luzia, / /

Assinatura Maria Auxiliadora da Silva**AUTORIZAÇÃO DE USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM****[FOTOGRAFIA, VIDEO E DE SOM GRAVADOS]****TERMO DE AUTORIZAÇÃO****Eu Damião Januário da Silva**

RG nº 611.436

SSP PB e CPF nº 225.437.914.34

Autorizo a divulgação da minha imagem (foto e vídeo) e de minha voz gravada para que seja exibida em cinema, televisão, internet e em outros tipos de publicação em qualquer época, cujo projeto é do meu conhecimento. Declaro então que não tenho nada a reclamar sobre quaisquer eventuais direitos pelo uso do material gravado e/ou fotografado, podendo o mesmo ser alterado em montagem de áudio e vídeo e veiculados pelos meios existentes.

Santa Luzia, / /

Assinatura Damião Januário da Silva

AUTORIZAÇÃO DE USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM**[FOTOGRAFIA, VIDEO E DE SOM GRAVADOS]****TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu Maria Rita Ferreira da Silva

RG nº 1.804.113

SSP PB e CPF nº 021.838.364-90

Autorizo a divulgação da minha imagem (foto e vídeo) e de minha voz gravada para que seja exibida em cinema, televisão, internet e em outros tipos de publicação em qualquer época, cujo projeto é do meu conhecimento. Declaro então que não tenho nada a reclamar sobre quaisquer eventuais direitos pelo uso do material gravado e/ou fotografado, podendo o mesmo ser alterado em montagem de áudio e vídeo e veiculados pelos meios existentes.

Santa Luzia, / /

Assinatura Maria Rita Ferreira da Silva**AUTORIZAÇÃO DE USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM****[FOTOGRAFIA, VIDEO E DE SOM GRAVADOS]****TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu Leonice Maria dos Santos

RG nº 2.317.092

SSP PB e CPF nº 051.285.674.51

Autorizo a divulgação da minha imagem (foto e vídeo) e de minha voz gravada para que seja exibida em cinema, televisão, internet e em outros tipos de publicação em qualquer época, cujo projeto é do meu conhecimento. Declaro então que não tenho nada a reclamar sobre quaisquer eventuais direitos pelo uso do material gravado e/ou fotografado, podendo o mesmo ser alterado em montagem de áudio e vídeo e veiculados pelos meios existentes.

Santa Luzia, / /

Assinatura Leonice Maria dos Santos Silva

AUTORIZAÇÃO DE USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM**[FOTOGRAFIA, VIDEO E DE SOM GRAVADOS]****TERMO DE AUTORIZAÇÃO****Eu Maria de Fátima Silva de Andrade**

RG n° 2.062.936

SSP PB e CPF n° 047.234.264-93

Autorizo a divulgação da minha imagem (foto e vídeo) e de minha voz gravada para que seja exibida em cinema, televisão, internet e em outros tipos de publicação em qualquer época, cujo projeto é do meu conhecimento. Declaro então que não tenho nada a reclamar sobre quaisquer eventuais direitos pelo uso do material gravado e/ou fotografado, podendo o mesmo ser alterado em montagem de áudio e vídeo e veiculados pelos meios existentes.

Santa Luzia, / /

Assinatura Maria de Fátima Silva de Andrade

Tabela: Fotos registradas na produção do trabalho monográfico: As louceiras de Santa Luzia- PB: Um estudo imagético do modo de fazer a louça entre as mulheres negras da Serra do Talhado.

Fig 2	Vista panorâmica da Capela São Sebastião no Bairro São Sebastião, conhecido como Monte.	Guilherme Monteiro Oliveira	2014
Fig. 2	Imagem do Rio Olho D'água localizado na Serra do Talhado. Este era o antigo nome da Comunidade.	Carla Priscila Gerôncio	2014
Fig. 3	Diagrama de Parentesco da família de Zé Bento e Cecília. Linhagem das mulheres que se tornaram louceiras.		
Fig. 4	Imagem da primeira etapa do processo de fabricação da louça. O pisar do barro	Sulia	2013
Fig. 5	Imagem da terceira etapa. Após ser transportado para dentro do galpão, o barro é colocado dentro de uma peneira para retirada de pedras, sendo peneirado em seguida.	Sulia	2013
Fig. 6	Imagem da quarta etapa. Depois que o barro é peneirado, deve-se molhar a massa, unindo a seca com a molhada.	Carla Priscila Gerôncio	2013
Fig. 7	Imagem da quinta etapa. Os bolos de barro são feitos após a união da massa molhada com a seca.	Carla Priscila Gerôncio	2013
Fig. 8	Imagem da sexta etapa. Após a união do barro a massa é modelada até atingir a forma da louça desejada.	Sulia	2013
Fig. 9	Imagem da sétima etapa. Depois que as louceiras obtêm a forma da panela desejada, elas as cobrem com plástico para descansar para a próxima etapa que é o alisar do barro.	Carla Priscila Gerôncio	2013
Fig. 10	Imagem da oitava etapa. Após o descanso das louças, elas são retiradas dos sacos plásticos para que sejam alisadas.	Carla Priscila Gerôncio	2013
Fig. 11	Imagem da nona etapa. Após três dias de descanso, as peças são levadas ao forno onde as louceiras organizam para que elas não sejam quebradas no fogo.	Guilherme Monteiro Oliveira	2014
Fig. 12	Imagem da décima etapa. Para levar ao fogo, as louceiras enchem o forno com louças e colocam telhas para proteger as peças.	Carla Priscila Gerôncio	2013
Fig. 13	Imagem da décima primeira etapa Após as telhas serem colocadas, as louceiras colocam pedaços de lenha para	Guilherme Monteiro Oliveira	2014

	produzir o fogo que chega a 10000 c°		
Fig. 14	O desenfornar da louça. Acontece no dia seguinte pela manhã, pois as louças precisam estar frias. Por muitas vezes as peças não ficam muito frias fazendo as louceiras tirarem com paus de madeira ou panos.	Guilherme Monteiro Oliveira	2014
Fig. 15	Depois de queimadas as louceiras trazem as louças para dentro do galpão onde elas empilham as peças em fileiras para a exposição e venda. Algumas peças já são feitas sob encomenda.	Sulia	2013
Fig. 16	Imagem do Rio Camuengo que fica a poucos quilômetros ao Talhado. Este lugar é considerado um dos lugares mais belos que se diz respeito ao Talhado.	Carla Priscila Gerôncio	2014
Fig. 17	Imagem da ãCruz do Camuengoö como é conhecida. Todos os moradores da redondeza contam a história de um rapaz que se jogou nas pedras de uma grande altura por um amor não correspondido.	Carla Priscila Gerôncio	2014
Fig. 18	Imagem da estrada que leva a subida da serra. Antigamente esta subida era toda no barro e depois de alguns anos foi calçada facilitando a entrada e saída de veículos.	Carla Priscila Gerôncio	
Fig. 19	Imagem da descida do Talhado. O resto da caminhada permanece assim até chegarmos ao lugar desejado. São longas descidas e curvas rodeadas de mato seco e pedras.	Carla Priscila Gerôncio	2014
Fig. 20	Imagem de uma das belezas naturais do Talhado. Este imagem faz parte do que compõem o Rio Camuengo. Segundo os moradores, quando chove, essas pedras são cobertas pela água.	Carla Priscila Gerôncio	2014
Fig. 21	Imagem de Dona Jovelina e seu Sebastião Bráz. Os mesmos se posicionam atentos à tela do computador, onde assistem ao filme <i>Aruanda</i> . Os mesmos presenciaram as gravações do filme, em 1960.	Carla Priscila Gerôncio	2014
Fig. 22	Imagem de Dona Jovelina mostrando o Folheto de <i>Aruanda</i> a seu Sebastião Bráz. Ela mesma mostra e falaa ele do folheto elaborado pela prefeitura da cidade que teve a intenção de divulgar o filme.	Carla Priscila Gerôncio	2014
Fig. 23	Dona Jovelina me chama a atenção e mostra com apontando seu dedo e lendo em voz alta o	Carla Priscila Gerôncio	2014

	folheto a respeito do filme <i>Aruanda</i> , onde ela fica feliz reconhecendo que seu sítio é conhecido internacionalmente.		
--	---	--	--

MATERIAL BRUTO DAS IMAGENS (FOTOGRAFIAS) CAPTURAS EM CAMPO.

Fotografias	Total de fotografias
17 Pastas	571 fotografias

MATERIAL BRUTO DE IMAGENS AUDIOVISUAIS CAPTURADAS EM CAMPO.

Áudios	Total de horas (áudios)
12 pastas	06h44min

MATERIAL EDITADO PARA ROTEIRO DE EDIÇÃO (IMAGENS AUDIOVISUAIS)

Material coletado para filme	Material editado para filme
03h20min	14min06seg